

Bem-te-vi

VOL. I
NÚMERO 12

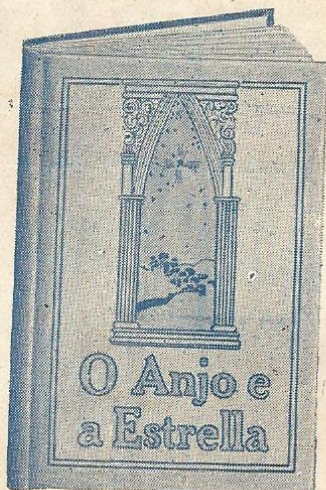
S. PAULO, DEZEMBRO, 1923

NUM. AVULSO \$500
ASSIG. ANNUAL 5\$000



"A minha escolha é bem simples...
Qual será ella, afinal?"

A arvore do meu gosto
É a arvore do Natal."



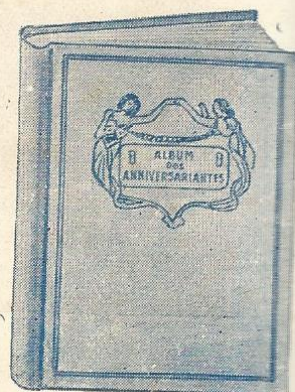
Presentes para o Natal

Um livro bem encadernado e interessante é um bom presente para o Natal. Muitas vezes, as mães gostam de enfiar nas mãos dos seus filhinhos um livro que os divirta ao mesmo tempo que os instrua no caminho do bem; professoras procuram recompensar os seus alumnos offerecendo-lhes um livro bonito e interessante; e crianças gostam de dar aos seus amiguinhos um livro que possa proporcionar-lhes horas agradáveis. Pois nesta pagina do "Bem-Te-Vi" vem uma lista de livros com os seus preços, e podem ser comprados na Imprensa Methodista, á rua da Liberdade 117, cidade de São Paulo.

Alguns destes livros são proprios para crianças e outros para mços e moças, mas são todos excellentes para serem usados como premios ou presentes para o Natal.

PREÇOS:

Album dos Anniversariantes	4\$000
A Esperança do Mundo	1\$000
Ben-Hur	6\$000
Donzela Valdense	4\$000
Glaucia, a Escrava Grega	4\$000
Hymnos e Canticos Juvenis	12\$000
Hymnos e Canticos Juvenis	com musicas \$500
Julião e a Biblia	4\$000
O Anjo e a Estrella	3\$500
O Outro Mago	2\$500
Pateo dos Anjos	3\$500
Peregrino	10\$000
Pinocchio	5\$000
Poesias Selectas	7\$500..luxo. 15\$000
Quando os Cegos Viram	2\$000
Rapaz do Realejo	3\$000
Livros que Eu já Li	3\$500
Uma Vida Espinhosa	4\$000



BEM-TE-VI

EDITADO PELA IMPRENSA METHODISTA, RUA DA LIBERDADE, 117

REDACTORA — L. F. EPPS.

ANNO I : N. 12
REVISTA MENSAL

São Paulo-Brasil, Dezembro 1923

ASSIGNATURA
ANNUAL. . . 5\$000

O NATAL EM DIVERSOS PAIZES



Geralmente, as crianças acham que o Natal custa muito a chegar. Si morassem na **Hollanda**, não teriam de esperar tanto, pois o Natal é no dia 6 em vez de 25 de Dezembro. As crianças holandesas chamam a vespera de Natal “Strooiavond” que significa “a tarde do espalhamento”. E’ assim chamada porque nessa tarde suppõe-se que São Nicolau visita todas as casas de brinquedos e escolhe presentes para as crianças boas. Depois visita as casas e espalha balas e fructas pelo chão. Enquanto as crianças apanham estas guloseimas, ou enquanto dormem, São Nicolau esconde presentes em diversos lugares da casa. Na manhã seguinte passam uma hora muito divertida, procurando os presentes que São Nicolau escondeu. Feita a pesquisa, cada pessoa recebe um bolinho de gengibre. Estes bolinhos têm a forma de homens e mulheres. Os homens e os meninos recebem **bonecas** de gengibre; as mulheres e as meninas ganham **bonecos**.

Na **Servia**, a arvore de Natal não é um pinheiro, mas um carvalho. Cortam-no na vespera do Natal justamente na ocasião em que o sol nasce, e a arvore deve cair para o lado do nascente. Si acontecer o contrario, acreditam

que a familia terá má sorte. Não levam a arvore inteira para casa. mas cortam-na em achas. Em differentes occasiões, membros da familia jogam trigo ou partem um bolo de trigo sobre as achas. Com isto revelam o seu desejo de que nunca falte o alimento durante o anno vindouro.



Porco assado é a iguaria principal do banquete no dia de Natal. Na occasião em que o porco é posto a cozinhar e na occasião em que é tirado do forno, ouvem-se tiros de canhão ou de espingarda. Desde as quatro horas da madrugada do dia de Natal até ás oito, todas as cidades da **Servia** resoam com tiros de canhão ou de espingarda. Parece que estão celebrando algum grande acontecimento.

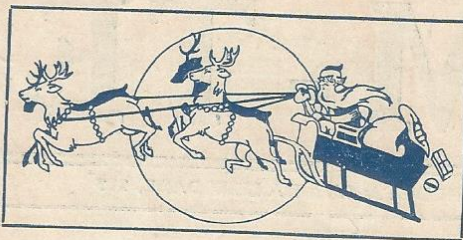
Na manhã do dia de Natal, todos os lares são visitados pelo “**Polaznik**” ou o hospede de Natal. Geralmente é um rapaz da vizinhança que vem desejar a todos da casa boas-festas e muitas felicidades para o proximo anno.

Na **Russia**, o divertimento principal do Natal consiste em patinar e andar de trenó sobre o rio Neva, que se conserva gelado durante seis mezes do anno. Sobre esse rio estabelece-se um grande mercado de Natal onde se vende de tudo, desde carne de urso até chá e bolos, e tambem figuras de santos.

A Igreja Catholica Grega, na Russia, tem uma cerimonia chamada: "A Benção das Aguas", que é celebrada em todas as aldeias e cidades por occasião do Natal. Fazem um buraco no rio gelado e para este ponto se dirige uma bella procissão de gente com tochas e estandartes. Chegando lá, fazem um serviço religioso e depois a agua é abençoada. O povo acredita que a agua se tornou sagrada e que della foram expellidos os espiritos malignos. Feito isso, a procissão retira-se e o povo procura approximar-se do buraco aberto no gelo. Os que conseguem, tiram baldes da agua e outros immerge, pensando que desse modo ficam livres de todos os seus peccados e de toda a doença. Alguns chegam a mergulhar os seus bebés na agua. Si a criança morrer do choque da agua fria, acreditam que a sua alma está salva para toda a eternidade. Nesse dia, uma cruz é desenhada em todas as portas das casas para evitar que lá entrem os espiritos malignos que foram expulsos da agua.

Na **Hespanha**, uma semana antes do Natal, os meninos e as meninas vão cantando de porta em porta canções sobre o Nascimento de Jesus Christo. Na noite da vespera do Natal, todas as pessoas vão á Igreja.

Neste paiz as crianças não visitam as suas amiguinhas para ver as suas arvores de Natal e os seus presentes, mas para comparar as suas "navidades". "Navidade" é uma pequena representação de Bethlehem. Geralmente fazem uma collina e uma caverna, uma estrebaria, umas figuras para representar



José e Maria e um pequeno Menino Jesus. Estas "navidades" podem ser muito simples ou muito ricas e enfeitadas. Algumas têm os pastores, os magos viajando pelos desertos, e a estrella. Aqui no Brasil são chamadas presepios.

No **Mexico** não ha arvores de Natal. No tecto da casa ou no galho de uma arvore perto, dependuram um grande jarro de barro, ou um balão de papel riscado ou um boneco de papel, representando um palhaço, um monge ou um animal. Esse jarro, balão ou boneco, chamado "piñate" está cheio de brinquedos e guloseimas. As pessoas grandes da familia vendam os olhos de uma das crianças com um lenço e depois dão-lhe um pão muito comprido para bater tres vezes no "piñate". Si não acertar, outra criança irá em seu lugar.

Quem acertar no "piñate", recebe um premio que deve ser muito bom, pois, quando quebra o "piñate", todas as outras correm para apanhar os brinquedos e os doces, e a criança com olhos vendados não poderá apanhar muitas coisas.

Geralmente, as familias mexicanas são muito grandes, de modo que ha bastante interesse neste brinquedo.

Antes de quebrar o "piñate", as crianças costumam andar diversas vezes ao redor da casa cantando em memoria de José e Maria que não podiam encontrar pousada em Bethlehem. Acabado o canto, alguns entram em casa e recusam entrada aos outros. Depois de muito supplicar, a porta é aberta e reúnem-se outra vez para cantar.

"Pois vamos alegres,
Louvar o Menino,



Que é Mestre divino
Que a benção nos traz!"



— Deus do Rio, eu vos odeio !

O CASAMENTO DO DEUS DO RIO

(UMA ANTIGA HISTORIA DA CHINA)

Capitulo II

Passados cerca de trinta annos, Nang Po tornou-se regente de todo o districto. Seu pae tinha muito orgulho de que seu filho se tivesse tornado um homem tão proeminente. Elle se sentia muito satisfeito, não só porque seu filho tinha sido escolhido pelo governador da provincia, como tambem porque elle era muito querido pelo povo. Todos pareciam satisfeitos com a sua eleição.

Os estudantes o felicitaram; os negociantes mandaram-lhe alguns bellos presentes; o abbade do mosteiro mostrou-se muito amigo e esperava que o novo regente continuasse a ser um protector seguro dos deuses.

Logo que Nang Po foi formalmente eleito regente, um dos seus primeiros actos officiaes foi mandar chamar o abbade do mosteiro, o qual veiu com muita alegria.

— O novo regente vae ser muito amigavel e serviçal, pensou elle, enquanto o introduziram no rico salão onde Nang Po estava á sua espera.

— A paz dos deuses seja com V. Exc.^a, disse o abbade.

— O Deus do Ceu me guie, replicou Nang Po.

O abbade ficou assustado, pois o Deus do Ceu não era muito adorado e pouco se sabia delle. Além disso, era muito exquisito que o novo regente recorresse ao Deus do Ceu por protecção, quando havia tantos deuses para ajudal-o.

— O dia do casamento do Deus do Rio está perto, não é? perguntou o novo regente.

— Sim, respondeu o abbade, bem aliviado, pois agora pisava em terreno bem conhecido por elle. Com a lua nova a cerimonia nupcial deve ser cele-

brada. O Deus do Rio está muito irado este anno. Elle já demonstrou a sua ira sobre as pessoas que moram no vale, e é necessario que elle tenha um casamento extraordinariamente bello, si quizermos que a cidade escape das inundações. Talvez seria bom augmentar o numero das noivas este anno. Que sejam vinte, em vez de doze — ou mesmo vinte e cinco.

— Quero ver o Deus do Rio, interveiu subitamente Nang Po. O abbade não podia acreditar o que ouvia.

— Ver o Deus do Rio!

Era impossivel. Ninguém o vira a não ser a Superiora a quem elle sempre dava a lista das noivas que elle escolhe-
ra.

— V. Exc.^a está, certamente, falando de um modo figurado — disse o abbade com voz baixa e com muitos signaes de respeito. Provavelmente quer fazer uma offerta pessoal.

— Sim, respondeu simplesmente Nang Po, quero fazer uma offerta. Realmente, ha muitos e muitos annos fiz uma promessa ao Deus do Ceu de que um dia eu faria uma grande offerta ao Deus do Rio.

O abbade estava perturbado, pois elle não podia comprehender que voto Nang Po tinha feito ao Deus do Ceu. Elle sabia que Nang Po tinha sido educado em Tze Chow e até conhecia o seu pae. Talvez Nang Po tivesse ouvido falar no Deus do Rio, quando foi á grande capital para fazer seus exames. De qualquer modo, o caso devia ser tratado com cuidado.

— Terei muita honra em mandar levar as suas dadivas ao Deus do Rio. A Superiora, sem duvida, estará prompta a leval-as ella mesma.

— Talvez isso fosse um bom plano, interpoz com seriedade, o regente, mas prefiro encontrar-me com o Deus do Rio.

— Isso não pôde ser feito, Exc.^a, disse o abbade, humildemente. Só a Superiora se encontra com o Deus do Rio. Acho que V. Exc.^a achará que é muito satisfactorio lidar com a Supe-

riora, continuou elle com um sorriso sabio e captivante.

— Desejo que ella venha para a minha presença antes do meio dia, pois meu voto está me pesando e minhas mãos estão anciosas de entregar as riquezas que tenho estado ajuntando ha muitos annos. Vamos depressa, honrado abbade, e não deixeis nada atrapalhar os passos da Superiora.

Havia alguma cousa tão insistente no tom de voz do regente que o abbade não perdeu tempo. Seguiu apressadamente o caminho para o mosteiro. Primeiramente desejava entrar em pleno accordo com a Superiora. A's vezes ella não era tão generosa como elle desejava. Era preciso falar emquanto o ferro estava quente.

— Estou perturbado com o voto do regente ao Deus do Ceu, disse á Superiora, quando estavam sós. Não sei que extranho capricho se apoderou d'elle. Parece muito ancioso de fazer alguma grande dadiva. Elle falou em thesouros ajuntados durante annos!

— Bem, logo veremos o que elle propõe, respondeu a Superiora.

— No emtanto, fique bem claro que visto que fui eu que trouxe a informação do regente, devo ser tratado com generosidade na divisão das riquezas.

— Certamente, disse a Superiora.

— Quanto receberei? continuou o abbade; mas a astuta freira respondeu, com um sorriso, encolhendo os hombros:

— Receberá o que merecer; além disso, está bem comprehendido que sou a unica pessoa que realmente vê o Deus do Rio.

O abbade teve que concordar, pois bem sabia que a Superiora occupava um lugar muito importante nas ceremonias do Deus do Rio. Elle, porém, lembrou á Superiora que isso só acontecia nestas festividades; emquanto que o abbade, de accordo com todas as tradições, tem o poder supremo.

— Não vamos perder nossa oportunidade actual com discussões, continuou a Superiora. Tenho confiado em ti e tu deves confiar em mim.

(Continúa).

A PAGINA DOS LEITORES

("Eu vejo em cada criança a possibilidade do homem perfeito")

O LINHO

Todas vocês, naturalmente, já tiveram o prazer de usar um bello vestido de linho. Já pensaram por quantas mãos passou este tecido antes de chegar ás suas? Vou contar-lhes isto em poucas palavras.

A cultura do linho é uma das mais antigas industrias. Foi cultivado no Egypto e na Assyria ha 5.000 annos passados.



Conta-se em Genesis, cap. 42, que Pharaó vestiu José com roupagens de linho. As fazendas em que se envolviam as antiquissimas mumias egypcias eram de linho. Tambem se encontraram pannos deste tecido enterrados com ellas ha milhares de annos passados e, sendo elles lavados e enxutos, não se estragaram, ficando ainda perfeitos.

Em velhas catacumbas enterradas debaixo das areias dos desertos, não longe do Nilo, e já carcomidas pelo tempo, ha pinturas feitas ha milhares de annos, quando as catacumbas foram construidas, as quaes representam homens, mulheres e crianças d'aquelles tempos a colher o linho, collocando-o em feixes. Por estes factos podem todos ver como o linho é antigo. Elle é conhecido como planta textil desde remota antiguidade.

A especie mais importante hoje é a cultivada. E' uma qualidade de 50 a 60 centimetros de altura, de caule erecto e ramificado na parte superior; as flores são de um azul cinzento. As folhas, estreitas, pequenas e pouco numerosas. As sementes são chatas, luzentes e escuras. A fibra, examinada ao microscopio, é comprida e de uma grossura uniforme. Ella varia na côr de amarello pallido para o cinzento esverdeado. O seu comprimento é de 40 a 50 pallegadas.

O linho gosta das terras leves, profundas e frescas. Dá-se muito bem nas planicies e mal nas regiões montanhosas. E' uma planta que tira muita substancia da terra. Se esta não fôr adubada, será preciso deixar sete annos de intervallo antes da segunda plantação.

O linho é semeado na primavera em tempo sereno. A colheita é feita á mão e deixa-se seccar

em feixes que são depois reunidos.

A parte do linho chamada fibra achase dentro do caule e para tirar esta fibra ou curtir o linho mergulham-no durante mais ou menos 15 dias em agua corrente, ou então estendem-se os feixes pelos campos ao sol e á chuva até o caule amollecer. Isto dura mais ou menos um mez.

Em seguida procede-se á trituração, que é o acto de separar a parte lenhosa da textil. A trituração é trabalho manual e é feita nos campos, mas muitas vezes executa-se por meio de machinismo. E' o mais importante processo por que passa o linho. Depois disso, está prompto para ser manufacturado. A manufactura do linho é uma das mais importantes industrias do mundo.

Até recentes eras, o linho era fiado com o fuso e a roca. Nos seculos 16, 17 e 18 esse processo foi usado e até hoje alguns dos linhos melhores são tecidos á mão.

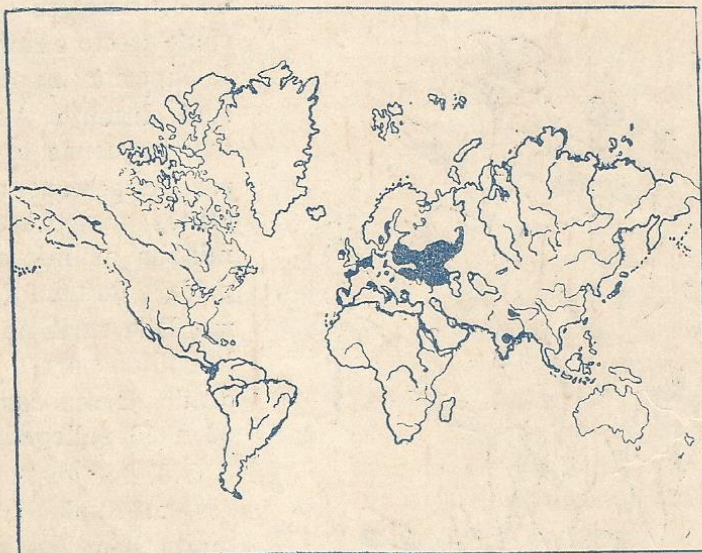
As invenções de Arkivright, Hargeave e Crompton foram especialmente para

As partes grosseiras que ficam entre os dentes da penteadura constituem a estopa.

A cardadura que vem depois é apenas um aperfeiçoamento da penteadura; as fibras passam através de agulhas mais finas e mais unidas. Depois de passar por muitas outras machinas, o linho é tecido.

A fibra é usada para fazendas, toalhas de mesa, guardanapos, vestidos, panhos, collarinhos, rendas, etc.

No Brasil a cultura do linho está muito pouco desenvolvida. Os Estados de Santa Catharina, Paraná e Rio Grande do Sul é que a têm feito em pequena escala.



■ Países que produzem mais linho

o algodão e a manufactura do linho soffreu muito com essa nova industria.

Uma machina tornou-se então necessaria para o linho, tão vantajosa como a do algodão; foi então promettida uma recompensa de 1.000.000 de francos a quem a inventasse. Finalmente Philippe Girard, engenheiro francez, criou e aperfeiçoou em 1813 um systema novo de teares que depois foi apenas ligeiramente modificado.

A primeira operação consiste na penteadura; é necessario fazer passar o linho ou filãça entre os dentes de diversos penteadores formados de agulhas de aço afim de dispôr parallelamente as fibras.

Os paizes que cultivam mais linho são Russia, 400.000 toneladas; França e Belgica 50.000 e Austria 30.000 toneladas.

Os paizes que manufacturam mais linho são: Irlanda que vem em primeiro lugar, Grã Bretanha, Allemanha, França, Austria, Hollanda e Belgica.

Em Belfast ha uma fabrica que cobre 8 ares de terreno e emprega 25.000 pessoas.

A maior parte desses paizes importam muito do seu linho da Russia e nos Estados Unidos quasi todo o linho vem dos outros paizes.

Carmen Pinto.

(Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi").

PEDRAS PRECIOSAS ..

MEZ DE DEZEMBRO

A TURQUEZA

E' uma pedra preciosa de côr azul e opaca. A coloração da Turqueza modifica-se no ar, sobretudo se a fizerem passar de um lugar secco para um lugar humido e para uma temperatura um pouco mais elevada. No Tibet, onde ha muitas turquezas, é crença geral que mudam de côr e empallidecem de accordo com a saude de quem as usa.

A turqueza é semelhante á opala

e é encontrada em cavidades no interior das rochas. Ha muitos seculos, os egypcios já extrahiam turquezas no deserto do Sinai. Existem muitas na America, nas as melhores vêm da Persia. As pessoas suspersticiosas acreditam que essa pedra dá boa sorte e protege de maus olhares.

Recentemente foram encontradas muitas turquezas no Mexico e em diversos lugares dos Estados Unidos.

A turqueza significa — successo e felicidade.

BABOUSKA :

E' vespera de Natal na Russia. Todas as crianças estão excitadas, embora as menores não comprehendam bem de que se trata. Os meninos e as meninas maiores vão de uma janella para outra, dizendo:

—Será que ella já viu? Alguem já viu Babouska?

Se vocês pensam que esta Babouska é um dos membros da familia de São Nicolau, estão muito enganados. E' uma velha que, na vespera do Natal, percorre algumas cidades da Russia, dando balas e brinquedos ás crianças que encontra. E' tão feia, com seu rosto todo enrugado e suas vestes rotas, que as crianças teriam medo della, se não fossem os presentes que traz no seu avental. Ella só pára um instante para dar presentes ás crianças menores, e depois segue o seu caminho pelas ruas escuras e frias ou pelas planicies desertas.

A lenda russa conta que, quando os Reis Magos foram levar as suas dadi-vas de ouro, incenso e myrrha ao Menino Jesus, bateram á porta da casinha de Babouska para lhe perguntar o ca-

minho, e convidaram-na a acompanhá-los. Ella, porém, achou que estava occupada demais com os trabalhos da casa, e recusou ir. Depois, arrependeu-se e ficou immensamente triste de não ter accedido o convite. Então resolveu partir sózinha e procurar o Menino Jesus. Andou por muitas cidades, indagando e pesquisando, sem poder achar o que desejava. E' por isso que na vespera do Natal ella sempre sae de casa distribuindo brinquedos ás crianças. Nunca sorri porque não pôde achar o Menino Jesus, mas continúa na sua peregrinação com a esperança de encontrá-lo algum dia.

—Para onde vae, minha senhora? perguntou um cavalheiro a uma enfermeira christã, a quem encontrou, quando a febre amarella estava devastando a cidade.

—Vou para o hospital de febre amarella.

—Eu não iria lá, nem por dez mil contos de réis.

—Nem eu tão pouco, respondeu ella, mas vou, e da melhor vontade, por amor de Jesus Christo.

RIP VAN WINKLE

A bella lenda americana do homem que dormiu durante vinte annos. ::

(Será publicada em cinco partes.)

(Continuação)

IV

A manhã estava passando e Rip começava a sentir fome, pois estava sem almoço. Causava-lhe immenso pesar ter de renunciar ao seu cão e á sua espingarda; causava-lhe pavor o encontrar-se com sua mulher, mas não se sentia disposto a deixar-se morrer á mingua naquellas paragens. Meneou a cabeça, levou aos hombros a arma enferrujada, e, resolutamente, ainda que com o coração cheio de receio e ansiedade, voltou seus passos, rumo a sua casa.

Quando elle se approximou da aldeia, encontrou diversas pessoas, mas a nenhuma dellas reconheceu, o que lhe causou não pequena surpresa, porquanto estava certo de conhecer todos os moradores daquellas cercanias. Ademais, as vestes de taes pessoas eram de uma moda diversa daquella com que elle estava habituado. Todos o olhavam com eguaes mostras de admiração, e sempre que alguém fixava nelle os seus olhos, invariavelmente se punha a cofiar a barba. A frequente repetição deste gesto induziu Rip á imitá-lo, involuntariamente, e com grande surpresa notou que a sua barba havia crescido mais de trinta centímetros.

Ao penetrar na cidade, um grupo de meninos que lhe eram extranhos correu para elle, gritando em seu redor e apontando para as suas barbaças grisalhas. Os cães, dos quaes elle não reconheceu um sequer como pertencente ás suas antigas relações, também ladravam á sua passagem. A propria aldeia estava diferente; parecia-lhe maior e mais populosa. Havia grupos de casas que elle via pela primeira vez, e aquellas casas em que costumava estar habitualmente tinham desaparecido. Nomes desconhecidos encimavam as portas; ás janelas, rostos desconhecidos, e tudo era des-

conhecido. Um grande temor apoderou-se, então, do seu espirito, e começou a suspeitar de que tanto elle como o mundo exterior estavam encantados. Era, sem duvida, aquella mesma aldeia que elle havia deixado na vespera. Lá estavam os montes Kaatskill, lá corria o rio Hudson; lá se encontravam ainda todas as collinas e os valles que tinham sempre existido. Rip estava profundamente admirado — “Aquelle frasco da noite passada”, matutava elle, “desnor-teou a minha cabeça”.

Não foi sem alguma difficuldade que elle achou o caminho da sua propria casa, da qual elle se approximou timida e silenciosamente, esperando a cada momento ouvir a voz estridente da Senhora Van Winkle.

A casa estava em ruinas; o seu tecto desmoronára, as janelas estavam estragadas, e as portas fóra dos gonzos. Um rafeiro meio morto de fome, mais ou menos parecido com Wolf, vagueava por ali. Rip chamou-o, mas o cão roncou, mostrou-lhe a dentuça, e passou. Isto foi para Rip um golpe acabrunhador — “O meu proprio cão”, suspirou elle, “esqueceu-se de mim”.

Entrou, em seguida, na casa, que, para dizer a verdade, a Senhora Van Winkle conservava sempre em perfeita ordem. Mas a casa estava deserta, solitaria e aparentemente abandonada. Esta desolação desvaneceu todos os seus receios da mulher, pela qual chamou, bem como pelos filhos, em alta voz. Durante um momento ouviu-se o echo da sua voz pelos aposentos ermos, mas logo tudo voltou ao silencio.

Elle, então, estugou os seus passos e dirigiu-se apressadamente para o seu antigo refugio, a hospedaria da aldeia, mas também esta havia desaparecido.

Em seu lugar erguia-se um grande e velho edificio de madeira, com amplas janelas fendidas, algumas das quaes quebradas, disfarçadas as suas aberturas com chapéos e pannos velhos. Sobre a porta estava o letreiro: "Hotel União, de Jonathan Doolittle".

Em vez da majestosa arvore que abrigava a hospedaria flamenga em outros tempos, lá se achava um mastro alto e liso, tendo no topo um como barrete vermelho, sobre o qual fluctuava uma bandeira em que se via um conjuncto singular de estrelas e de listas.

Tudo isto era para Rip exquisito e incomprehensível. Elle reconheceu naquella insignia que estava na extremidade do mastro o semblante rubicundo do Rei Jorge, debaixo da qual elle tinha fumado tão boas cachimbadas, mas esta mesma estava singularmente transformada. O casaco vermelho estava substituído por um outro azul e amarello claro, trazia na mão uma espada em vez de um sceptro, tinha na cabeça um chapéo rebitado e debaixo do retrato estava um escripto em grandes caracteres: "General Washington".

Lá estava, como de costume, um grupo de pessoas á porta, mas a nenhuma dellas Rip reconheceu. A propria indole do povo parecia estar mudada. Notava-se um tom de contenda, continua e vehemente, em vez da habitual fleugma e invariavel tranquillidade. Elle procurou em vão pelo sabio Nicholas Vedder, com seu rosto enorme, sua longa barba, seu respeitavel cachimbo, desprendendo nuvens de fumaça, em vez de discursos somnolentos. Procurou tambem a Van Bummel, o mestre-escola, transmittindo aos seus ouvintes as noticias de algum jornal velho. Em lugar destes, um sujeito escanifrado, de apparencia biliosa, com seus bolsos cheios de cartazes, arengava eloquentemente sobre os direitos dos cidadãos, eleições, membros do Congresso, liberdade, a collina de Bunker, heroes de setenta e seis, e outras cousas que eram uma completa algaravia para o desorientado Rip.

O aspecto deste, entretanto, com sua

barba longa e grisalha, sua espingarda enferrujada, suas vestes exóticas e o magote de mulheres e crianças que se haviam reunido em seu redor, logo atraíram a attenção dos politicos da tasca. Todos se acercaram de Rip, examinando-o da cabeça aos pés, com grande curiosidade. O orador correu para elle, e, levando-o á parte, perguntou-lhe em que partido tinha votado. Rip embasbacou numa silenciosa estupidez. Um outro sujeito mais baixo, mas esperto, puxou-o pelo braço, e, erguendo-se na ponta dos pés, interpellou-o em segredo se era Federalista ou Democrata. Rip não podia atinar com o sentido desta pergunta, quando um cavalheiro velhusco dado a sabichão e mettido á importancia, tendo na cabeça um chapéo fino e rebitado, atravessou a turba, abrindo caminho com os cotovelos, e foi postar-se em frente a Van Winkle. Tinha uma das mãos no quadril, e outra na bengala, e com seu olhar perspicaz e seu chapéo pontegudo que parecia penetrar até a alma de Rip, perguntou-lhe num tom severo, por que razão vinha á eleição com uma espingarda ao hombro, e uma população no seu encalço, e se era sua intenção excitar um motim na aldeia.

"Oh, cavalheiro!" exclamou Rip estarrecido, "eu sou um pobre homem pacato, natural daqui mesmo, e um subdito leal do rei, a quem Deus abençoe".

Então, um brado geral irrompeu de toda a assistencia: "Um conservador! um conservador! um espião! um emigrado! expulsemos-lo! fóra com elle!".

Foi com grande difficuldade que o homem mettido a importante poudes manter a ordem, e, tendo composto um ar de grande austeridade, inquiriu novamente do extranho accusado o que o trouxera alli e o que procurava. O pobre homem affirmou-lhe humildemente que não tencionava mal algum, mas que vinha alli simplesmente á procura de alguns dos seus vizinhos que costumavam frequentar a taverna.

"Bem, quaes são elles? diga os seus nomes".

Rip meditou um momento e indagou: "Onde está Nicholas Vedder?"

Houve um silencio durante alguns momentos, até que um ancião respondeu com voz muito debil e sumida: "Nicholas Vedder? Faz dezoito annos que falleceu! Havia na sepultura, no cemiterio uma taboa que continha a historia de sua vida, mas ella apodreceu e acabou-se tambem".

"Onde está Brom Dutcher?"

"Oh! Elle entrou para o exercito no começo da guerra: alguns dizem que elle morreu no combate do Ponto de Pedra, outros dizem que elle se suicidou ao pé do monte denominado "Nariz de Antonio".

"Onde está Van Bummel, o mestre-escola?"

"Elle tambem foi para a guerra, chegou a ser general do exercito, e está agora no Congresso".

O coração de Rip desfalleceu ao saber das tristes transformações havidas no seu lar e na sua aldeia, por isso que se achou solitario no mundo. Cada pergunta tambem o tornava embaraçado, por se relacionar com tão espaçosos lapsos de tempo, e com assumptos que elle não podia comprehender: guerra, Congresso, Ponto de Pedra. Elle já não mais se animava a indagar de nenhum dos seus amigos, mas clamou desesperado: "Ninguem aqui conhece Rip Van Winkle?"

"Oh! Rip Van Winkle!" exclamaram dois ou tres: "Oh! certamente; parecidos que o estamos vendo encostado alli aquella arvore".

Rip voltou o olhar e contemplou uma imagem fiel de si mesmo, quando elle subiu a montanha, aparentemente muito indolente e com certeza muito maltrapilho. O pobre homem estava completamente confundido, e começou a duvidar da sua propria identidade, si elle era a mesma ou outra pessoa. No meio da sua desorientação, o homem de chapéo rebitado perguntou-lhe quem era e qual o seu nome.

"Deus sabe", exclamou elle na sua confusão. "Eu não sou eu mesmo; eu sou

algun outro; não sou eu quem está aqui; este é alguem que está em meu lugar; eu era eu mesmo na noite passada, mas eu dormi na montanha, e transformaram a minha espingarda, tudo ficou tambem transformado e eu estou transformado, e por isso não posso dizer o meu nome, ou quem sou!". (Continúa).

DEZEMBRO

Deixemos as cousas serias!
Sou o bello mez das Férias,
O bello mez do Natal!
Crianças! tendes saudade
Da casa, da liberdade,
Do carinho maternal?!

Sou o bello mez da infancia!
— Quem trabalhou com constancia,
Debalde não trabalhou;
As aulas estão suspensas;
Tem premios e recompensas
Todo aquelle que estudou.

Quem estudou, finalmente,
Recebe a paga, contente,
Do sacrificio que fez...
—Férias, collegios fechados
E livros abandonados!...
Eu sou das Férias o mez!

Olavo Bilac.

PREMIOS ENVIADOS

Diversos amiguinhos do "Bem-Te-Vi" têm nos enviado as soluções aos problemas do Concurso Biblico, e, com prazer, estamos enviando um exemplar do Pinocchio áquelles que acertaram todos os problemas do Concurso. Esperamos que apreciem esse livro e se sintam bem recompensados pelos esforços que empregaram para resolver os problemas. Agradecemos o interesse que revelaram por este Concurso e esperamos que sempre apreciarão as historias, concursos, brinquedos, etc. que se encontrarão na pequena revista "Bem-Te-Vi".

GALERIA

NASCERAM EM NOVEMBRO

Ruy Barbosa.
Martinho Luthero
Robert Fulton
Jenny Lind

UM GRANDE ESTADISTA
DO BRASIL

Foi no mez de Novembro que nasceu o celebre estadista Ruy Barbosa. Foi um homem que prestou muitos serviços ao Brasil, na instrucção publica, no governo e na advocacia. O mundo inteiro se admirou do talento de Ruy Barbosa na conferencia de Haya, onde representou o Brasil.

Foi no começo deste anno que a nossa patria perdeu este filho querido. No numero de Março do "Bem-Te-Vi" foi-lhe consagrada uma pagina e foi estampado o seu retrato.

UM GRANDE REFORMADOR
DA ALLEMANHA

Martinho Luthero nasceu na Saxonia. Era filho de um pobre mineiro e seu pae tinha grandes ambições pelo filho: queria que elle estudasse Direito.

Quando se tornou moço, era conhecido pela sua sabedoria e piedade. Estudando a Biblia, obteve a certeza de que ninguem póde ganhar o reino dos ceus por meio de penitencias e sómente por mediação do filho de Deus, Jesus Christo. Foi elle um dos principaes reformadores.

UM GRANDE INVENTOR
NOS ESTADOS UNIDOS

Emquanto criança, Robert Fulton morou numa fazenda numa pequena cidade dos Estados Unidos. O brinquedo que elle mais apreciava era um barco. Gostava de brincar no rio que havia perto

de sua casa e fazer o seu barquinho deslizar pela agua.

Depois que a familia deixou de morar na fazenda, Robert gostava de visitá-la. Numa destas visitas, fez uma barquinha que offereceu como presente á sua tia. Esta collocou-a na sala de visitas e gostava de mostrá-la aos visitantes.

Quando Robert Fulton se tornou homem, encontrou-se com o inventor das machinas a vapor e immediatamente formou-se no seu espirito a idéa de fazer um barco movido a vapor. Resolveu dedicar a sua vida á engenharia e assim tornou-se engenheiro civil.

Depois de sete annos de trabalhos e de luctas, começou a construir um barco para ser movido a vapor. O seu projecto era olhado com desprezo e alguns o chamavam "A loucura de Fulton".

Afinal chegou o dia em que o seu barco faria a primeira experiencia no rio Hudson. Alguns dos amigos de Fulton tinham cedido ao seu pedido para tomar parte na viagem, e os caes estavam cheios de pessoas para ver o barco andar. Finalmente, o barco partiu, mas depois de andar um pouquinho, parou! Fultou viu as pessoas sacudirem os hombros em signal de zombaria e ouviu baixinho: "Não disse?" Não lhes deu satisfação. Desceu ao porão do barco, examinou a machina e deu ordem para seguir viagem. Num momento, o barco poz-se em movimento outra vez e desceu o rio até chegar a Nova York. Com que prazer Fulton escutava o ruido da machina e via o barco andar contra o vento e contra a maré! Chegára o momento de triumpho! A sua fama se espalhou pelo mundo inteiro e seus esforços foram recompensados.

E' graças a elle que podemos hoje viajar em navios movidos a vapor. An-

tes da sua invenção, só existiam embarcações movidas com remos ou á vela.

UMA GRANDE CANTORA DA SUECIA

Na capital da Suecia, morava, ha muitos annos, uma menina que gostava muito da musica. Bastava ouvir uma cantiga uma vez para poder cantal-a correctamente. As pessoas amigas, percebendo o seu dom de cantar, persuadiram os seus paes a lhe dar uma professora de canto. A menina trabalhou com tanta diligencia e boa vontade que, em pouco tempo, pôde tomar parte em peças infantis no theatro.

Quando completou doze annos, a sua voz mudou completamente e perdeu muito da sua doçura primitiva. A professora disse-lhe que talvez nunca mais pudesse cantar, e durante muito tempo não devia nem experimentar.

Pobre Jenny! Embora estivesse muito desapontada, applicou-se com coragem aos outros estudos e assim appren-

deu a tocar piano e a falar diversas linguas.

Aconteceu nesse tempo que houve um grande concerto em Stockholmo e faltava uma cantora para uma peça theatral. Não podendo arranjar outra pessoa, o dono do theatro pediu á Jenny Lind que experimentasse cantar outra vez, como fizera outr'ora. Jenny accedeu ao pedido e cantou tão bem que a audiencia ficou enthusiasmada. Depois disto, as cousas correram mais facilmente para a jovem cantora, cuja voz voltou mais bella do que no passado. Começou a receber pedidos de todos os paizes da Europa para cantar em concertos, festas, theatros e reuniões. Todos queriam ouvir-a e os bilhetes para os seus concertos eram muito procurados.

Ninguem podia conhecer Jenny Lind sem amal-a, pois era tão boa quanto bella e arranjava amigas por onde passava. Foi uma das mais celebres cantoras que jámais existiu, e era conhecida pelo mundo inteiro no seculo dezenove.

PEQUENOS CIGANOS

Capitulo IX

QUATRO ANNOS DE TRABALHO

EM HANLEY

Depois da minha expulsão do "Exercito", fiquei dez dias em Hanley, pré-gando todas as noites. Sempre era levado para casa nos hombros de homens escolhidos pelos amigos, e sempre nos acompanhavam bandas de musica e milhares de pessoas cantando hymnos. Eu não gostava destas manifestações e fazia o possivel para escapar, mas si eu entrava num carro elles me arrastavam para fóra e eu não podia resistir-lhes. Finalmente resolvi fugir da cidade de Hanley e passar uma semana

em Cambridge onde podia descansar e pensar em paz. Jesus Christo estava tão perto, e o seu Espirito mais precioso do que nunca. Que allivio e descanso para minha alma depois de duas semanas sem a menor calma! Soffri mais durante aquelles dias de manifestação, do que em qualquer outra ocasião na minha vida espiritual. Eu sabia que não merecia os louvores e elogios que o povo me estava dando e nunca antes tinha recebido taes manifestações de apreciação, e naturalmente fiquei nervoso. O que eu apreciava mais que qualquer outra cousa era que todos os dias recebia cartas de amigos sinceros e influentes dizendo-me que, quando ou-

tes da sua invenção, só existiam embarcações movidas com remos ou á vela.

UMA GRANDE CANTORA DA SUECIA

Na capital da Suecia, morava, ha muitos annos, uma menina que gostava muito da musica. Bastava ouvir uma cantiga uma vez para poder cantal-a correctamente. As pessoas amigas, percebendo o seu dom de cantar, persuadiram os seus paes a lhe dar uma professora de canto. A menina trabalhou com tanta diligencia e boa vontade que, em pouco tempo, pôde tomar parte em peças infantis no theatro.

Quando completou doze annos, a sua voz mudou completamente e perdeu muito da sua doçura primitiva. A professora disse-lhe que talvez nunca mais pudesse cantar, e durante muito tempo não devia nem experimentar.

Pobre Jenny! Embora estivesse muito desapontada, applicou-se com coragem aos outros estudos e assim appren-

deu a tocar piano e a falar diversas linguas.

Aconteceu nesse tempo que houve um grande concerto em Stockholmo e faltava uma cantora para uma peça theatral. Não podendo arranjar outra pessoa, o dono do theatro pediu á Jenny Lind que experimentasse cantar outra vez, como fizera outr'ora. Jenny accedeu ao pedido e cantou tão bem que a audiencia ficou enthusiasmada. Depois disto, as cousas correram mais facilmente para a jovem cantora, cuja voz voltou mais bella do que no passado. Começou a receber pedidos de todos os paizes da Europa para cantar em concertos, festas, theatros e reuniões. Todos queriam ouvir-a e os bilhetes para os seus concertos eram muito procurados.

Ninguém podia conhecer Jenny Lind sem amal-a, pois era tão boa quanto bella e arranjava amigas por onde passava. Foi uma das mais celebres cantoras que jámais existiu, e era conhecida pelo mundo inteiro no seculo dezanove.

PEQUENOS CIGANOS

Capitulo IX

QUATRO ANNOS DE TRABALHO EM HANLEY

Depois da minha expulsão do "Exercito", fiquei dez dias em Hanley, pré-gando todas as noites. Sempre era levado para casa nos hombros de homens escolhidos pelos amigos, e sempre nos acompanhavam bandas de musica e milhares de pessoas cantando hymnos. Eu não gostava destas manifestações e fazia o possivel para escapar, mas si eu entrava num carro elles me arrastavam para fóra e eu não podia resistir-lhes. Finalmente resolvi fugir da cidade de Hanley e passar uma semana

em Cambridge onde podia descansar e pensar em paz. Jesus Christo estava tão perto, e o seu Espirito mais precioso do que nunca. Que allivio e descanso para minha alma depois de duas semanas sem a menor calma! Soffri mais durante aquelles dias de manifestação, do que em qualquer outra occasião na minha vida espiritual. Eu sabia que não merecia os louvores e elogios que o povo me estava dando e nunca antes tinha recebido taes manifestações de apreciação, e naturalmente fiquei nervoso. O que eu apreciava mais que qualquer outra cousa era que todos os dias recebia cartas de amigos sinceros e influentes dizendo-me que, quando ou-

viram a noticia da minha expulsão, resolveram escrever para dizer que elles entenderam bem a situação e que toda a sua sympathia, apreciação e amor estavam commigo. Tambem me convidaram para prégar o Evangelho em toda a parte da Inglaterra. Por semanas e semanas recebia convites todas as manhãs, mas não os acceitava porque o meu povo em Hanley estava me chamando para voltar e continuar o meu trabalho ahi começado. Resolvi voltar e prégar, promettendo ficar um mez. O resultado foi que fiquei quatro annos. Tivemos cultos todas as noites, durante a semana, e tres vezes nos domingos e a casa estava sempre repleta de gente, e hoje em toda a parte da Inglaterra e outros paizes ha prégadores do Evangelho, superintendentes de Escolas Dominicaes, homens de muita influencia no mundo commercial, professores christãos, etc., que representam o fructo de nosso trabalho durante quatro annos em Hanley. O meu coração transborda de gratidão quando eu penso nos meus filhos espirituaes e muito amados daquela cidade.

Tinha outros filhos espirituaes, e elles me estavam chamando para prégar duas semanas em Hull, onde eu trabalhei quando era um soldado do "Exercito". Acceitei o convite e qual não foi a minha surpresa quando 20.000 pessoas nos estavam esperando na estação! Havia um carro com dois cavallos brancos esperando para me levar e a minha irmã para a casa de um amigo, mas os homens tiraram os cavallos do carro e elles mesmos puxaram-no pelas ruas da cidade.

Na casa em que prégámos cabiam 4.000 pessoas, mas era pequena para as congregações. Minha irmã e Mr. Evens, com quem ella se casou, ficaram lá durante dois annos fazendo um trabalho esplendido. Depois o nosso muito amado amigo, o Rev. G. Campbell Morgan, tomou conta do trabalho em Hull e Deus o abençoou maravilhosamente.

No verão deste anno eu fiz a minha primeira viagem pelos paizes estranhos. Primeiro fui, como hospede do Dr. e

Mrs. Kesson e Mrs. Poulton, para descansar na Suécia. Lembro-me perfeitamente do nosso primeiro Domingo na cidade de Stockholmo; fui assistir ao culto do "Exercito Christão". Entrei quietamente e escolhi um logar meio occulto onde podia descansar e apreciar o privilegio de ouvir e não dirigir o culto. Em cinco minutos, porém, o Capitão do Exercito me reconheceu e me convidou para cantar. Escolhi um hymno comum que todos sabiam e gostavam. Cantei as estrophes em inglez e a congregação de 500 pessoas cantou commigo o côro em sua propria lingua. Eu cantava em inglez e elles cantavam na lingua dos suecos, mas os nossos corações estavam em harmonia. Que bom que Deus comprehende todas as linguas!

Um dia, fui ao palacio do rei e tive o prazer de ver a esplendida mobilia e as bellas salas. Emquanto estavamos no corredor, o proprio rei passou e nos cumprimentou com delicadeza. Noutra occasião, fui ver o rei revistar as tropas. No meio de todo o apparato militar, um pequeno incidente me commoveu: Um pequeno limpador de chaminés vinha correndo, quando avistou o rei no seu cavallo. O rosto do menino estava preto e seus pés descalços, mas ao passar perto do rei, levantou a sua mão suja e cumprimentou seu soberano. O rei sorriu-se para o pequeno e cumprimentou-o. Logo depois um elegante official vinha galopando num bello cavallo. Seu uniforme brilhava como ouro e sua espada tilintava, emquanto elle seguia velozmente o seu caminho. Elle tambem saudou o rei e este respondeu á sua saudação com toda a dignidade de um soberano, mas eu senti falta no olhar bondoso com que elle tinha respondido ao cumprimento feito com a mão suja do pequeno limpador de chaminés. E eu disse a mim mesmo: "Este rei ama o pequeno limpador de chaminés tanto quanto o bravo official, e eu o aprecio por isso".

Depois da minha visita agradável á Suecia, voltei para o meu amado trabalho em Hanley, que continuava sem ha-

ver diminuição de interesse, de frequência ou de resultado. Tendo de enfrentar constantemente grandes congregações, comecei a sentir a necessidade de mais leitura. Desde que sahira do "Exercito da Salvação", pouco tinha lido a não ser a minha Bíblia. Todo o meu tempo tinha sido occupado a aprender a ler e a escrever, e a preparar os meus sermões. Sentia necessidade de ler para adquirir novas idéas e augmentar o meu conhecimento da lingua ingleza. Enquanto eu lia, sentia que estava num mundo novo. Como reconhecia a minha ignorancia! Também estava certo de que, algum dia o povo havia de descobrir quão pouco eu sabia e ficaria cansado de me ouvir. Mas todos eram muitos bondosos e tinham muita paciencia com meus erros e meu pouco saber, pois elles me amavam e sabiam que eu os amava.

Para muitos delles eu era considerado como um pae espiritual e para alguns como um avô espiritual. Sempre que annunciavam que eu ia prégar, o povo vinha e Deus me abençoava. Isto é o que me animava e confortava.

O trabalho duro em Hanley e o facto de prégar constantemente a congregações compostas quasi exclusivamente das mesmas pessoas, constituíam uma experiencia de grande valor para mim. Estava sendo preparado para evangelizar grande parte do mundo, mas eu não

sabia disso. Assim como Moysés foi preparado durante quarenta annos no deserto de Midian para conduzir o povo de Israel, assim eu, um pobre cigano, estava sendo disciplinado em Hanley para trabalhar nas egrejas da Inglaterra, Australia e America.

Não posso concluir este capitulo sobre os meus quatro annos em Hanley sem exprimir o meu amor e a minha gratidão aos meus queridos amigos dessa cidade, e sem dar graças ao Deus Omnipotente pela sua direcção nestes tempos de apuros, difficuldades e de crise. Já-mais homem algum recebeu tantas demonstrações de amor quanto eu recebi de meus amigos de Hanley, e já-mais trabalhei no meio de um povo que amei tão profundamente. Foram muito bons para mim e eu fiz o mais que pude por elles. Ninguem sabe como eu sei, quão pobres eram os melhores homens mas Deus serviu-se delles para sua honra e gloria. Hanley e meus amigos de Hanley têm um lugarzinho especial no meu coração. Só a menção desse nome, faz meu espirito regosijar-se em Christo Jesus que dá boas dadivas aos pobres. Só na resurreição é que saberemos de todas as maravilhas que Deus realizou naquella cidade, por intermedio do seu indigno servo, o humilde cigano que escreve estas expressões de amor e louvor.

(Continúa).

QUEM DEVE RECEBER O PRESENTE?

Quando os nossos paes, irmãos, e amiguinhos fazem annos, gostamos de lhes dar um presente como signal do nosso amor. Pois no dia 25 de Dezembro, commemoramos o anniversario do maior Amigo das crianças, Jesus Christo. Será possivel que vamos presentear nossos parentes e amigos, e nada daremos ao que faz annos? Imaginem, se no anniversario de um menino, todos da casa se presentearassem e se esqueces-

sem do anniversariante! Não havia de ser exquisito?

"Mas que poderemos dar a Jesus?" pergunta uma criança. "Entregar-Lhe a sua vida para fazer o serviço de Christo na terra"; nada o agradará mais. Algumas crianças já fizeram isso; estas farão o possivel para agradar a Jesus, nesse dia, procurando fazer a vontade dos outros em vez da sua, lembrando-se dos pobres e dos doentes, e contribuindo para a alegria de todos os seus semelhantes.

A Arvore de Natal de Tia Clara

Personagens:

Tia Clara

Alice

Joaquim

Eliza

Outras crianças menores.

Scenario: A arvore de Natal enfeitada de flores, presentes e velas de côr.

I ACTO

Tia Clara (entra tia Clara com alguns embrulhos) — Oh! Como está linda a nossa arvore de Natal! Ao vel-a as crianças ficarão doidas de alegria! Traço commigo alguns presentes para completar a arvore: uma caneta dourada para o Joaquim que já sabe escrever com tinta; uns lapis de côr para o Daniel, um livro de historia para Alice, um collar para Eliza, um polichinelo, um tremzinho, uma boneca... Prompto! Está completa. Vou chamar a criança-da. (Toca uma campainha. As crianças entram correndo; carregadas de embrulhos e presentes; vendo a arvore exclamam).

— Ché, que belleza! Que belleza!

Tia Clara — Pois não acham linda a nossa arvore de Natal?

Joaquim — E' linda! linda como um sonho!

Alice — Pois é a primeira arvore de Natal que vejo em toda a vida. Estou encantada!

Elisa — Pois em casa, todos os annos temos a nossa arvore — grande, cheia de vellas e, de presentes... No anno passado ganhei uma boneca enorme (fazendo um gesto exagerado) deste tamanho!

Alice — Que colosso!

Joaquim (Caçoando) — Arre! vae ver que foi deste tamaninho, como aquelles cupidos de cellulloide, de azinhas nas costas e de olhos arregalados! Gostaria de ver a tal boneca...

Elisa — Pois é facil. Vamos em casa e eu lh'a mostro. Está guardada dentro do guarda-roupa, minha caixa de papelão!

Joaquim — Acredito, acredito...

Tia Clara — Bem, meus filhos. A arvore está esperando. Vamos agora cantar o nosso hymno de Natal... Qual será?

As crianças — Noite feliz! noite feliz!

Tia Clara — Está bem. Então façamos roda ao redor da arvore, cantemos, cantemos com toda alegria de nosso coração.

(Fazem roda e cantam).

Noite feliz! Noite feliz!

(Quando acabam, tia Clara fala)...

Tia Clara — Agora passemos á distribuição dos presentes... Mas primeiro abramos todas as janellas para que a luz de nossa arvore illumine toda a rua... Alice, queres me fazer um favor?—

Alice — Pois não, titia! (vae abrir as janellas).

Tia Clara (começando a distribuir os presentes) — Joaquim... Elisa... Daniel.

Alice — Oh! Venham depressa, venham ver!

Tia Clara (approximando-se) — Que é? Estás com medo, Alice?

Alice — Não, titia. Mas olhe lá, na calçada... Não está vendo aquelle menino a olhar com inveja cá para cima? Decerto, como eu, nunca viu uma arvore de Natal!

Tia Clara — Vejo, sim. E ao lado está a irmãzinha, tão maltrapilha como elle...

Alice (timidamente) — E se nós os convidassemos a entrar, tia... O que acha?

Tia Clara — Mas... é que... é que nós não temos nada para lhes dar...

Joaquim — Eu tenho, tia. Já ganhei muitos presentes. Posso repartir com o menino.

Alice — Eu repartirei os meus com a menina.

Elisa — E eu tambem!

Outras crianças — Eu tambem! Eu tambem!

Tia Clara — Então vem commigo, Joaquim. Vamos buscal-os. (Saem tia Clara e Joaquim).

Alice — Pobres criancinhas! Estavam lá fóra na rua, a olhar com tanta inveja para cima, que meu coração pareceu derreter-se dentro do peito...

Coitada da menina! Vou dar-lhe minha bonequinha de celluloides...

Uma criança — E eu, o meu tremziinho...

Outra — Uma parte dos meus doces...

(Entram tia Clara, Joaquim e as duas crianças).

Tia Clara — Entrem sem susto, meus amiguinhos. Todas as crianças que estão aqui gostam muito de vocês... Não tenham receio...

Joaquim (dirigindo-se ao pequeno) — Como é teu nome?

O pequeno (timidamente) — Chamo-me José.

Alice — E como se chama tua irmãzinha?

José — Chama-se Maria.

Elisa — José... Maria... Estes nomes fazem-me lembrar de uma coisa...

Todos — Que é?

Elisa — José e Maria são os nomes dos paes de Jesus, que é hoje nascido em Belem...

Alice — E' verdade!

Joaquim — Boa lembrança!

Tia Clara — Bem, meus filhos. Continuemos a distribuir nossos presentes de Natal.

Todos — Sim, sim!...

Tia Clara — José, vem buscar. Este presente é para ti.

As crianças (batendo palmas) — Muito bem! Muito bem!

Tia Clara (continuando a distribuir) — Joaquim... Elisa... Alice... Mercedes... Martha... Lulu... Daniel.

(Emquanto recebem, as crianças vão abrindo o embrulho)

Elisa — Olhem o meu collar, que lindo!

Joaquim — E a minha caneta! E' de ouro!

Alice — E o meu livro de historias! Que belleza!

Tia Clara — Agora, meus filhos, quero vos perguntar uma cousa: estaes contentes?

Todos — Estamos, muito! muito!

Tia Clara — E porque? Sabeis porque?

Elisa — E' porque é dia de Natal!

Alice — E' porque ganhamos os presentes que esperámos...

Joaquim — Ora, eu sei porque estou contente... ganhei uma caneta de ouro....

Tia Clara — Não, não. Ninguem acertou. Vou contar-vos. Estaes contentes hoje porque acabastes de ajudar duas pobres crianças da rua que olharam com inveja para nossa Arvore de Natal. Estaes contentes não porque recebestes presente, mas porque déstes presentes a alguém, porque bem diz o verso que melhor é dar que receber. E abençoada é essa alegria que nos vem atravez da alegria dos outros.

As crianças — Muito bem! Muito bem! tia Clara!

Joaquim — E' isso mesmo!

Elisa (com entusiasmo) — Viva José, viva Maria!

Todos — Viva!... Viva!...

Tia Clara — Vamos agora cantar o nosso canto de despedida.

E não nos esqueçamos, cada vez que celebrarmos o Natal, que "dar é muito melhor que receber".

(E rodando em redor da Arvore cantam de novo) — Noite feliz! Noite feliz!

—
"A criação de mil florestas está numa simplesmente".

"Muito talento é perdido por falta de um pouco de coragem".

"Qualquer coisa que eu faça, por maior brilho que actualmente me pareça ter, só brilhará lá no ceu si fôr Christo o alvo d'ella".

O Orpham e o Rico

(Dialogo para o Natal)

O orpham — Quanto barulho! musicas, canticos, fogos, luzes! Porque tanta festa? Não seria preferivel que quanto gastam com estas cousas fosse empregado para matar a fome e cobrir a nudez dos que caminham pela estrada do infortunio como eu?

O rico (approximando-se) — Que estás ahi a falar, menino?

O orpham — Olha para as minhas vestes e comprehenderás promptamente. Comparo as pompas que observo com o meu estado miseravel.

O rico — Onde moras?

O orpham — Não tenho lar, nem pae, nem mãe, nem quem se incomode comigo, e estou até admirado de que estasjas a gastar tempo com uma pessoa tão infeliz como eu.

O rico (afagando-o) — Não digas assim; acho que estás enganado, porque eu sympathizo contigo. E mesmo que não contasse com a minha sympathia, ha um que te ama bastante e que pôde valer-te, pois é um rei...

O orpham (interrompendo) — Estás zombando de minha infelicidade!

O rico (continuando)... um que recolhia as crianças e que ralhava com os que impediam que ellas se approximassem d'elle.

O orpham — Bem dizia eu que estavas zombando de mim, pois me estás a falar de factos que se deram no passado e que não podem trazer allivio aos attribulados do presente. (Em desalento). Não tenho lar... nem pae nem mãe. Ninguém se lembra de mim! Como sou infeliz!

O rico (com caricias) — Não, amiguinho, não digas assim. Eu te amo, Jesus te ama.

O orpham (indagando com curiosidade) — Quem é Jesus?

O rico — E' o Rei dos reis e o Senhor dos senhores e que em occasião alguma abandona os que o buscam, pois

elle mesmo disse por um dos seus propheta's: "Ainda que uma mãe se esqueça do seu filho, eu não me esquecerei de ti". Estou certo que não duvidarias do amor de tua mãe, não é?

O orpham — Sim, por certo.

O rico — Pois bem, ainda que fôra possivel tua mãe esquecer-se de ti, Jesus não te esqueceria. Não ouves estes canticos, não vês estas luzes, estes fogos? Commemora-se hoje o dia jubiloso do seu nascimento.

O orpham (depois de ligeira pausa) — Si elle nasceu hoje, como pôde valer-me?

O rico — Não conheces a sua historia? Vou contar-t'a. Elle nasceu ha mais de mil e novecentos annos em Belém, como nascem as crianças mais pobres.

O orpham — Pobres como eu?

O rico — Talvez ainda mais pobre. Nascestes naturalmente cercado de todo conforto ao passo que Jesus nasceu... Imagina onde?

O orpham — Em um palacio, não é elle um rei, como dizes?

O rico — Parece que assim devia ser. Entretanto Jesus nasceu em uma humilde estrebaria. Viveu pobremente no trabalho, mas foi o mais santo dos homens porque nelle não se achou engano nem peccado. Uma pessoa assim parece que devia ser muito estimada por todos, não é?

O orpham — Acho que sim.

O rico — Não obstante, Elle foi morto como um malfeitor e experimentou a peor das mortes, que é a da cruz. Mas a morte não o pôde conter porque Elle resuscitou triumphante e vive pelos seculos. E' esta uma das razões porque se commemora o seu nascimento.

O orpham — Agora fiquei comprehendendo, mas não entendo como, si Elle de facto me ama, deixe-me nesta amargura, quando resoam canticos e musicas

em sua memoria. Que provas me darias de que de facto Elle me ama?

O rico (depois de pensar um pouco) — Foi Elle quem determinou que eu passasse por aqui para encontrar-te.

O orpham — Noto que as tuas palavras estão enchendo o meu coração de jubilo e que alguma cousa de extraordinario se passa em mim.

O rico (fazendo-o levantar) — Vamos, hoje não é dia de tristezas. De hoje em diante serás meu irmão. Ha na casa dos meus paes quanto basta para vivermos felizes. Vamos!

O orpham (em exclamação jubilosa) — Como me sinto agora feliz! Dia venturoso este! Oh Senhor Jesus, como te sou agradecido!

Somos dois irmãos unidos
Pêlos braços de Jesus.
Que por nós foi traspassado,
Nos braços da dura cruz.

Cantemos alegremente
De seu natalicio o dia,
Entre flores, entre luzes,
Em transportes de alegria,

Oh Jesus meigo, bemdicto,
Vive em nossos corações,
E nossos passos dirige
Neste mundo de illusões.

Recebe de nossos labios,
Neste dia festival
Estes canticos sinceros.
Viva o dia de Natal!

S. L. Guedes.

Presentes apreciados

Alguns dias antes do Natal, Lina foi visitar sua amiguinha Carmen. Encontrou-a no seu quarto, fazendo uns lençinhos muito bonitos.

— Para D. Helena! Que tolíce! Perguntou Lina, erguendo um dos lenços para admirá-lo.

Carmen sorriu-se, satisfeita.

— São lindos, não achas? Cada um tem uma beirada differente. São para D. Helena de Souza.

Ao ouvir estas palavras, Lina soltou uma gargalhada um tanto desagradavel.

— Para D. Helena! Que tolíce! Perder tanto dinheiro e tempo só para dar um presente para ella!

— Mas — é presente de Natal, Lina! Não custaram muito, embora sejam de linho fino. Comprei-os numa liquidacão; são as beiradas que os tornam tão bonitos. E tenho prazer em fazel-os.

— E' justamente por isso que não são proprios para uma senhora como D. Helena. Ella não fará caso de sua belleza. E' um presente para uma moça. Realmente, Carmen, ella não saberá apreciar-os.

— Quem sabe!

— Eu sei que não serão apreciados por ella. Dá-lhe alguma cousa util como as cousas a que ella está acostumada. Estes lenços são proprios para alguma amiguinha que apreciará a sua belleza e o tempo que gastaste nelles.

— Lina, nunca pensaste que as cousas que mais apreciamos são aquellas a que não estamos acostumados? perguntou Carmen. Isso se dá commigo e tenho certeza que tambem acontece com os outros.

Certa vez, dei um presente util para uma criança que era muito pobre: foi um bom casaco de malha. Pois nunca me esqueci como aquella criança ficou desapontada com o presente.

— Uma criança, sim; mas...

— Somos todos crianças, uns maiores, outros menores. Vou embrulhar estes lenços no papel mais bonito que encontrar, justamente porque D. Helena é pobre e tem poucas cousas bonitas.

Lina, é o anniversario d'Elle — não comprehendes?

Os olhos de Lina não denunciavam muita comprehensão; comtudo ella abanou a cabeça, em signal de affirmacão;

— Vou dar rosas para D. Helena, disse ella, rosas com hastes bem compridas.

em sua memoria. Que provas me darias de que de facto Elle me ama?

O rico (depois de pensar um pouco)

—Foi Elle quem determinou que eu passasse por aqui para encontrar-te.

O orpham — Noto que as tuas palavras estão enchendo o meu coração de jubilo e que alguma cousa de extraordinario se passa em mim.

O rico (fazendo-o levantar) — Vamos, hoje não é dia de tristezas. De hoje em diante serás meu irmão. Ha na casa dos meus paes quanto basta para vivermos felizes. Vamos!

O orpham (em exclamação jubilosa)
— Como me sinto agora feliz! Dia venturoso este! Oh Senhor Jesus, como te sou agradecido!

Somos dois irmãos unidos
Pelos braços de Jesus.
Que por nós foi traspassado,
Nos braços da dura cruz.

Cantemos alegremente
De seu natalicio o dia,
Entre flores, entre luzes,
Em transportes de alegria,
Oh Jesus meigo, bemdicto,
Vive em nossos corações,
E nossos passos dirige
Neste mundo de illusões.

Recebe de nossos labios,
Neste dia festival
Estes canticos sinceros.
Viva o dia de Natal!

S. L. Guedes.

Presentes apreciados

Alguns dias antes do Natal, Lina foi visitar sua amiguinha Carmen. Encontrou-a no seu quarto, fazendo uns lençinhos muito bonitos.

— Para D. Helena! Que tolice! Perguntou Lina, erguendo um dos lenços para admirá-lo.

Carmen sorriu-se, satisfeita.

—São lindos, não achas? Cada um tem uma beirada differente. São para D. Helena de Souza.

Ao ouvir estas palavras, Lina soltou uma gargalhada um tanto desagradavel.

— Para D. Helena! Que tolice! Perder tanto dinheiro e tempo só para dar um presente para ella!

— Mas — é presente de Natal, Lina! Não custaram muito, embora sejam de linho fino. Comprei-os numa liquidacão; são as beiradas que os tornam tão bonitos. E tenho prazer em fazel-os.

—E' justamente por isso que não são proprios para uma senhora como D. Helena. Ella não fará caso de sua belleza. E' um presente para uma moça. Realmente, Carmen, ella não saberá apreciar-os.

—Quem sabe!

—Eu sei que não serão apreciados por ella. Dá-lhe alguma cousa util como as cousas a que ella está acostumada. Estes lenços são proprios para alguma amiguinha que apreciará a sua belleza e o tempo que gastaste nelles.

—Lina, nunca pensaste que as cousas que mais apreciamos são aquellas a que não estamos acostumados? perguntou Carmen. Isso se dá commigo e tenho certeza que também acontece com os outros.

Certa vez, dei um presente util para uma criança que era muito pobre: foi um bom casaco de malha. Pois nunca me esqueci como aquella criança ficou desapontada com o presente.

—Uma criança, sim; mas...

—Somos todos crianças, uns maiores, outros menores. Vou embrulhar estes lenços no papel mais bonito que encontrar, justamente porque D. Helena é pobre e tem poucas cousas bonitas.

Lina, é o anniversario d'Elle — não comprehendes?

Os olhos de Lina não denunciavam muita comprehensão; comtudo ella abanou a cabeça, em signal de affirmacão;

—Vou dar rosas para D. Helena, disse ella, rosas com hastes bem compridas.

GESTO PARA BONBONS

Queridas amiguinhas,

O modo de fazer este cesto para bonbons é muito simples: Cortam-se cinco tiras, de papel azul, de 3 centímetros de largura e 8 centímetros de comprimen-

Pregam-se ambas as extremidades das tiras azues com um alfinetinho e o mesmo se faz com as tiras brancas. O cesto ficará parecido com a figura 2.

Cortam-se outras tiras de papel para fazer as alças.



to. Em seguida cortam-se cinco tiras de papel branco com as mesmas dimensões. Arranjam-se as tiras de maneira que fiquem como a figura 1.

Ficará então prompto um cestinho para bonbons.

Laura Machado.

Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".

BALAS E BONBONS

"Fudge", balas de chocolate:

3 chicaras de assucar

1 chicara de leite, pouco cheia.

1 colher de chá de manteiga.

2 colheres (de sopa) de cacau, si for do amargo, ou 4, si for do doce. Misturam-se primeiro o assucar e o cacau, ou chocolate. Ajunte-se o leite, misturando-se até ficar sem caroços, e então põe-se ao fogo. Mexe-se de vez em quando. Deixa-se ferver até que um pouco derramado em agua fria faça uma bolinha meio dura, que não escorra ou derreta dentro da agua. Tira-se, ajunta-se manteiga, e bate-se bem por poucos minutos. Logo antes de ficar duro, vira-se em prato untado (ou em pedaço de papel limpo, mesmo sem ser untado). Quando esfriar bastante para não pegar mais numa faca, corta-se em quadradi-

nhos. Si se quizer, ajuntam-se nozes quebradas ou coco ralado, enquanto se estiver batendo, que ficará delicioso.

NOUGAT

2 chicaras de assucar.

Meia chicara de melado.

Meia chicara de agua

2 ovos

Meia chicara de nozes quebradas.

Com o assucar, melado e agua, faz-se uma calda grossa até que um pouco derramado em agua fria faça uma bola dura. Batem-se as claras dos ovos, e despeja-se nellas o caldo prompto, batendo-se sempre. Quando estiver quasi duro, ajuntam-se as nozes, e despeja-se num prato untado. Corta-se antes de esfriar.

BRINQUEDOS E JOGOS

BRINQUEDOS E JOGOS PARA O NATAL

UM JOGO DE ADIVINHAÇÃO

Para este jogo, é necessaria uma arvore de Natal onde haja, pelo menos, um objecto cujo nome começa por A; outro, cujo nome começa por B; e assim por diante, até terminar o alphabeto. Para a letra A, serve uma agulha de chochet; para a letra B, um barco ou balão; e assim por diante.

A pessoa que dirige o brinquedo reúne as crianças ao redor da arvore, e pergunta: "Quem vê na arvore um objecto que começa com a letra A?" O primeiro que responder, ganha um ponto.

A pergunta seguinte é: "Quem vê na arvore, um objecto que começa por B?" E assim continuam as perguntas até o fim do alphabeto.

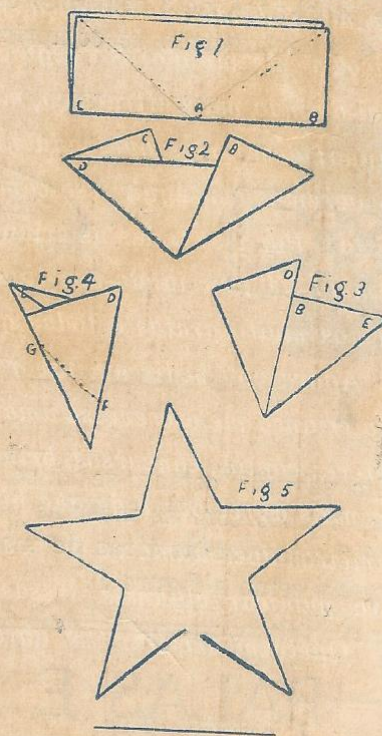
Si não houver objecto para qualquer das letras, as crianças devem ser avisadas. Vence a pessoa que ganhar maior numero de pontos, por ter sido a primeira a responder ás perguntas.

SABEM CORTAR UMA ESTRELLA DE CINCO RAIOS?

Tomem em primeiro lugar, um pedaço de papel de 9 centímetros de largura e 12 centímetros de comprimento. Qualquer pedaço de papel servirá si guardarem sempre a mesma proporção, acima mencionada, entre o comprimento e a largura.

Dobrem o papel como indica a Figura 1. Em seguida achem o meio do papel para marcar o ponto central A, depois dobrem o canto marcado B, para frente e o canto C para traz, como se vê na figura 2. Agora, dobrem o papel em uma linha de C fazendo ponto central em A, tragam o canto D paralelo com a linha B, figura 3. Então dobrem o canto E para traz, em linha com B, fazendo centro em A — figura 4. Depois,

cortem com uma tesoura em linha recta de F para G, abram agora o papel e encontrarão a bonita estrella de cinco raios que se vê na figura 5.



QUE POSSO EU FAZER?

O dia de Natal deve ser um dia alegre em que fazemos o possível de tornar os outros felizes. Costumamos presentear os nossos amigos, mas não nos devemos esquecer de dar um presente áquelle, cujo anniversario celebramos. Que divina poderemos lhe offerecer?

Eis uma suggestão: fazer uma oferta especial para as missões nacionais ou estrangeiras. Vamos nos privar de alguma cousa, afim de que haja recursos para enviar um missionario a regiões, onde o christianismo ainda não penetrou. Desse modo contribuiremos para que muitas pessoas cheguem a conhecer a historia do Natal. Assim comprearemos a vontade de Jesus: "Ide, pois, e ensinae a todas as nações, baptizando-as em nome do Pae e do Filho e do Espirito Santo; instruindo-as a observar todas as cousas que vos tenho mandado".

Queridos Amiguinhos do "Bem-Te-Vi":

Cordiais Saudações.

Não sei si todos os amiguinhos se lembram que o dia 1.º de Janeiro de 1924 será o anniversario do nosso "Bem-Te-Vi". Nesse dia, elle completa um anno; é ainda muito moço, mas espero que já tenha prestado alguns serviços neste mundo. No segundo anno de sua existencia, nós queremos tornal-o ainda mais attractivo, mais util e instructivo do que foi no primeiro anno; desejamos que cada numero seja melhor que o antecedente, e só poderemos conseguir isso com auxilio dos amiguinhos da nossa pequena revista. Por isso todas as crianças são convidadas a ser collaboradores do "Bem-Te-Vi", enviando-nos figuras, contos, brinquedos e jogos, etc. e nós seremos muito gratas a todas que nos auxiliarem.

Agora vou pedir um favor aos meus amiguinhos; gostaria muito que cada criança me escrevesse uma carta, dizendo que secção do "Bem-Te-Vi" prefere: contos, concursos, brinquedos e jogos, ou receitas; qual foi a capa que mais apreciou; e de que historia gostou mais de todas as que leu nos primeiros doze numeros de nossa jovem revista. Tambem peço permissão para publicar algumas dessas cartinhas no "Bem-Te-Vi".

Queiram acceitar um abraço bem apertado da amiga que os estima,

Leila F. Epps.

INDICE

Titulo	Pagina	Titulo	Pagina
Presentes para o Natal	266	Os Ciganos	278
O Natal em Diversos Paizes	267	Quem deve receber o Presente	280
O Casamento do Deus do Rio	269	A Arvore de Natal de Tia Clara	281
A Pagina dos Leitores	271	O Orphan e o Rico	283
Babouska	273	Presentes Apreciados	284
Pedras Preciosas	273	Cesto para Bonbons	285
Rip Van Winkle	274	Balas e Bonbons	285
Dezembro	276	Brinquedos e Jogos	286
Premios enviados	276	Uma Carta Intima	287
Galeria	277	Noite Feliz	288



NOITE FELIZ



1 Noi-te fe - liz! Noi-te fe - liz! Oh! Se - nhor
2 Noi-te fe - liz! Noi-te fe - liz! Oh! Je - sus,
3 Noi-te fe - liz! Noi-te fe - liz! Eis no ar



Deus de a - mor,
Deus de luz,
Vem can - tar

Po - bre - zi - nho nas - ceu em Be - lem,
Quão af - fa - vel é teu co - ra - ção,
Aos pas - to - res os an - jos dos Ceus



Eis na lá - pa Je - sus nos - so bem Dor-me'em paz oh Je -
Que qui - zes-te nas - cer nos - so'ir-mão E a to - dos sal -
An - nun - ciando'a che - ga - da de Deus, De Je - sus Sal - va -



sus,
var,
dor,

Dor-me em paz oh Je - sus.
E a to - dos sal - var.
De Je - sus, Sal - va - dor.